

A nova moral do trabalho no novo espírito do capitalismo: cenas do 'desemprego executivo' no cinema contemporâneo.

Rogério Lopes Azize.

Cita:

Rogério Lopes Azize (2007). *A nova moral do trabalho no novo espírito do capitalismo: cenas do 'desemprego executivo' no cinema contemporâneo*. VII Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-106/278>

A NOVA MORAL DO TRABALHO NO NOVO ESPÍRITO DO CAPITALISMO: CENAS DO 'DESEMPREGO EXECUTIVO' NO CINEMA CONTEMPORÂNEO

Rogério Lopes Azize

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Museu Nacional
Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil

rogerioazize@hotmail.com

A forma como o trabalho foi organizado dentro do sistema capitalista esteve, desde as primeiras décadas do século XX, no foco de produções cinematográficas. Filmes que criticavam de forma ácida o modelo produtivo que vai sendo estabelecido a partir da Revolução Industrial, especialmente no que se refere à racionalização do trabalho em linhas de montagem, modelo este que ganha acabamento e tom de ciência na tradição fordista e taylorista, tornaram-se clássicos importantes na história do cinema. Refiro-me a filmes como Tempos Modernos, (*Modern Times*, Dir. Charles Chaplin, EUA, 1936), A nós, a liberdade (*À nous la liberté*, Dir. René Clair, França, 1931) e mesmo Metrópolis (*Metropolis*, Dir. Fritz Lang, Alemanha, 1927). Nestes filmes, o inimigo é a desumanização do trabalho encarnado no uso de máquinas, no trabalho impessoal e repetitivo, recortado e racionalizado das linhas de produção. Com humor ou toques de ficção científica, apresentam uma versão caricatural da rotina de trabalho nas fábricas. Os operários, separados das etapas criativas da produção, movem-se ao ritmo da esteira, que por sua vez se move ao ritmo ditado pela gerência. Os operários formam uma massa homogênea, não reflexiva, até que uma insurgência contra o *establishment* – sempre na figura de um indivíduo inadaptado que emerge de uma massa coletiva, e por isso heróico, ou consciente da mecânica de exploração, e por isso também heróico – quebra o circuito da exploração, revelando uma tensão entre a vontade individual e os constrangimentos sociais do mundo do trabalho.

Estes filmes fazem parte de uma massa crítica cujo alvo é o formato de acumulação capitalista e a organização do trabalho nas primeiras décadas do século que passou. Eles fazem parte, no vocabulário de Boltanski e Chiapello, do **espírito do capitalismo** naquele momento, conceito que consiste no

conjunto de crenças associadas à ordem capitalista que contribuem para justificar essa ordem e a sustentar, legitimando-os, os modos de ação e as disposições que são coerentes com eles (1999:46)

A noção de espírito do capitalismo, no formato dado pelos autores, permite “associar em uma mesma dinâmica a evolução do capitalismo e as críticas que a ele se opõe”. (ibidem: 69) As críticas teriam, inclusive, um papel importante enquanto motor de mudanças no capitalismo, visto a capacidade do sistema para absorver parte das críticas, desarmando-as. Para os autores, essa capacidade faz do capitalismoⁱ um sistema “robusto”, que encontra nas críticas aos seus diferentes modelos de acumulação um meio de sobrevivência e constante re-invenção, que teria permitido a sua continuidade apesar das crises pela qual o sistema passou no século XX.

A crítica ao capitalismo e aos formatos de organização do trabalho elegeu um outro inimigo no início do século XXI, e, mais uma vez, este inimigo aparece representado também em produções cinematográficas.ⁱⁱ Este inimigo está encarnado em idéias como reengenharia, reestruturação produtiva, fusões, acumulação flexível, globalização, terceirização, trabalho informal e nas conseqüências humanas desse processo. O inimigo são as falsas promessas de liberdade, criatividade, autonomia e reinvenção de si que o novo modelo flexível de trabalho prometia; as novas vítimas não são somente os operários das linhas de montagem (que não deixaram de existir, tampouco deixaram de ser as principais vítimas quando mudanças bruscas transformam o modelo de produção e acumulação), mas também os membros das classes executivas e administrativasⁱⁱⁱ, que se vêem cedo envelhecidos e obsoletos por um sistema que pede constante inovação tecnológica e reinvenção de competências. A este momento Boltanski e Chiapello (ibidem:57) chamam o **terceiro espírito do capitalismo**, que seria “isomorfo ao capitalismo mundializado”, estaria atualmente em formação, sistema no qual a renovação tecnológica é central. Se os dois primeiros espíritos do capitalismo^{iv} são criticados de diferentes formas nos filmes clássicos citados acima, uma leva de filmes produzidos nos últimos anos formam uma massa crítica ao terceiro espírito, denunciando os constrangimentos impostos aos trabalhadores, mas com um novo enfoque: a ansiedade das classes executivas, cuja segurança vê-se abalada no contexto de um capitalismo flexível e globalizado, que ampliou a insegurança no emprego para os extratos médios e altos da população.

Documentários e filmes de ficção a respeito da situação da classe operária em suas várias manifestações e períodos históricos são uma constante na história do cinema no século XX. Mas desemprego entre as classes médias e altas parece ser uma novidade como temática cinematográfica, especialmente com a freqüência atual. O objetivo desse texto é explicitar essa temática comum em diversos filmes, tentando compreender porque este foco sobre o desemprego entre extratos médios e altos. A proposta aqui é colocar alguns filmes com temática comum a conversar com a bibliografia de ciências sociais a respeito do tema trabalho, refletindo mais especificamente a respeito desse fenômeno ao qual chamo *desemprego executivo*. Ao que parece, um problema relacionado exclusivamente às classes populares em fases de emprego mais abundante bate na porta das classes médias e altas quando as empresas passam a adotar

novas dinâmicas, enxugando os seus quadros, em um contexto de fusões, que gera instabilidade também nos quadros superiores das empresas. Os filmes sobre os quais falarei aqui mostram o problema do desemprego como uma questão, por assim dizer, 'nossa', de classe média, e talvez por isso sejam perturbadores.

Em tese, estes filmes retratam um universo no qual as situações de trabalho são menos constrangedoras do que, por exemplo, o trabalho em linha de montagem. Mas é justamente contra essa visão que os filmes se colocam: os constrangimentos são extensivos às classes executivas e dizem respeito à formação contínua do trabalhador, suas competências, idade, sexo, postura em relação à empresa e aos outros empregados, além da possibilidade de desemprego. Bourdieu (2001) comenta a armadilha em que se pode cair ao levar ao pé da letra a *margem de liberdade* oferecida em ocupações que podem parecer menos constrangedoras em relação à linha de montagem, ao ressaltar o tipo de *violência doce* a qual esses trabalhadores estão submetidos. Para ele, os novos modelos flexíveis de organização do trabalho, que oferecem mobilidades de horário, pequenas liberdades, auto-gestão, contribuem para uma exploração com menor visibilidade. Nessas práticas, trata-se de explorar, para Bourdieu, as ambigüidades entre a verdade objetiva do trabalho (a sua dinâmica de exploração, no extremo, o trabalho forçado), e a verdade subjetiva, “que leva a encontrar no trabalho um ganho intrínseco, irredutível ao mero rendimento em dinheiro” (o que ele chama de trabalho escolástico, “cujo limite é a atividade quase lúdica do artista ou do escritor”). (ibidem:247) A suposta liberdade dos modelos flexíveis ocultariam a violência simbólica por trás de uma relação de caráter frágil, transitória e precária.

Se o cinema já denunciou a burocracia rígida do fordismo-taylorismo, hoje denuncia também a ênfase dada ao risco e a idéia de que

a flexibilidade dá as pessoas mais liberdade para moldar as suas vidas. Na verdade, a nova ordem impõe novos controles, em vez de simplesmente abolir as regras do passado – mas também esses novos controles são difíceis de entender. O novo capitalismo é um sistema de poder muitas vezes ilegível. (Sennett, 2005:10)

Apropriando-me especialmente de idéias de Boltanski e Chiapello em “O novo espírito do capitalismo”, este trabalho levanta hipóteses para compreender o formato desses filmes e o recente interesse do cinema sobre o *desemprego executivo*.

Generalização da insegurança salarial: o desemprego ‘exótico’ dos executivos

Em um texto de 1996, Loic Wacquant comenta que a taxa de desemprego dos colarinhos brancos tende a equiparar-se à dos colarinhos azuis nos EUA: a diferença que era de um para três quinze anos antes, estava no final dos anos 90 em equivalência de um para dois. Apesar dos recordes de lucro atingidos pelas empresas americanas no governo Clinton,

as reestruturações de empresas e as ondas de demissões que devastaram as fileiras operárias nas duas décadas precedentes abatem-se, a partir de agora, sobre os técnicos, pessoal administrativo *et personnels d’encadrement et de direction*”. (Wacquant, 1996:66)

Wacquant comenta o drama de alguns funcionários de colarinho branco que se viram desempregados; um deles é James Sharlow, um ex-diretor de fábrica que, após procurar um novo emprego por 3 anos, disse que aceitaria trabalhar de graça se recuperasse o seu antigo *status* profissional. Aos 51 anos, ele considera um ponto de honra vestir o seu terno todas as manhãs, ainda que permaneça em casa. Após enviar 2.205 cópias de seu CV sem resultado positivo, aceitou um emprego abaixo da sua qualificação na empresa em que trabalha sua mulher. A esposa de Sharlow teria dito a Wacquant querer apenas que tudo volte a ser como antes.

Com algumas pequenas modificações e um toque dramático de ficção, a história que Wacquant conta poderia ser a de Vincent, personagem central de “A Agenda” (*L’emploi du temps*, França, 2001), o primeiro filme ao qual assisti com essa temática do *desemprego executivo*, e que me causou grande impressão. O filme inicia com Vincent já desempregado, demitido após trabalhar 11 anos na mesma empresa, como consultor financeiro. O espectador sabe disso desde a primeira cena: Vincent dorme em seu carro, quando soa o telefone celular; sua esposa, que não vemos nesse momento (a câmera mantém-se nele, como se visto a partir do banco de trás do carro), pergunta como ele está; Vincent faz um relato do seu trabalho, das tensões com os clientes, informa que pode voltar tarde pra casa devido às obrigações profissionais. A sua esposa faz um comentário sobre o bom homem com quem ela teria se casado; “o que eles fariam sem você?”, ela pergunta, referindo-se aos empregadores de seu marido. Ele volta a dormir e tem-se a impressão de que estamos no carro com ele. Sabemos então de algo que a família nuclear e amigos de Vincent não sabem: ele foi demitido e optou por esconder o fato, continuando a sair de casa nos mesmos horários, como se nada tivesse acontecido. Ele vai conseguir temporariamente que as coisas continuem a ser como antes. Já nesta primeira cena assistimos ao casal em interação, tomando os seus papéis no *drama social do desemprego*, ainda que a esposa de Vincent não saiba disso.^v

O protagonista vive os seus dias fora de casa, simulando estar em atividade, mesmo estando desempregado há cerca de 3 meses. As coisas parecem poder se complicar quando ele pede um empréstimo ao seu pai, para ajudá-lo a instalar-se na Suíça, onde estaria um suposto novo emprego, ainda melhor que o anterior, também uma farsa; mais ainda quando Vincent convence amigos a investir em um inexistente fundo de investimentos altamente lucrativo, que apostaria na bolsa de valores russa. Em um momento particularmente dramático, um amigo que está também desempregado, vivendo em uma casa de aspecto simples, sendo a esposa o arrimo da família, entrega uma pequena economia para entrar no fundo de investimento.

Tudo poderia acabar mal. Vincent conhece casualmente um contrabandista, que percebe a sua farsa e oferece a ele um posto em sua organização. Após relutar, ele aceita o trabalho, mas não sem tensões; apesar de lucrativo, o *status* social torna-se um problema. É disso que parece se tratar, não apenas esse filme, mas outros com a temática: o desejo de manutenção de *status* e o constrangimento social nesse sentido. Ao final do filme, já descoberto, Vincent argumenta com o seu filho mais velho que nada teria mudado ou faltado para a família, e que esse seria o seu objetivo. Vincent sai dirigindo na contramão, um acidente é iminente, mas ele pára o carro, sai da estrada e anda em direção à escuridão. O diretor aqui parece ter tomado uma decisão: o filme poderia ter acabado nesse instante, com o protagonista mergulhando no escuro da noite, representando a disrupção do seu papel social, conseqüência da “infâmia social que é a demissão”, nas palavras de Wacquant (ibidem:68); mas um corte nos leva para uma última cena, que mostra o protagonista em uma entrevista de emprego, marcada através da rede de relações de seu pai. Vincent é salvo na última cena e terminamos o filme com um final feliz, que me pareceu descolado da perspectiva pessimista que atravessa toda a longa viagem desemprego adentro de Vincent.

Em “O corte” (*Le couperet*, Dir.: Costa Gravas, França, 2006), também com produção francesa^{vi}, a solução encontrada pelo protagonista para superar o desemprego ganha um colorido mais absurdo e violento. Um executivo de meia idade da indústria de papel^{vii} procura emprego, ainda sem sucesso, após dois anos de sua demissão, devido a um processo de reengenharia na empresa. Ele é considerado qualificado demais para os cargos que surgem, e as poucas entrevistas que consegue não resultam em nada. Nosso protagonista está obcecado por uma empresa de papel de nome “Arcadia”, da qual ele recebe um vídeo publicitário em casa, apresentado pelo diretor da empresa, emprego que ele passa a cobiçar por considerar adequado ao seu perfil.^{viii} Mas a concorrência para um cargo como esse existe e nosso anti-herói toma uma decisão: cria uma caixa postal, e anuncia um emprego para executivos com um perfil semelhante ao seu; entre as dezenas de currículos enviados – o que denuncia a existência de muitos desempregados ou profissionais insatisfeitos na área –, ele seleciona os principais possíveis concorrentes e passa a assassiná-los; a última vítima seria o executivo da Arcadia, já com o caminho ‘livre’ para que ele mesmo fosse contratado.

O problema é que a sua estratégia dá certo demais: não param de chegar novos currículos à sua caixa postal, apresentando mais executivos desempregados, alguns considerados por ele como não estando à altura de si mesmo. A cena poderia levar à percepção de que o caso da personagem não é particular; a certa altura, o executivo (voz em *off*), refletindo sobre a sua estratégia, conclui que o seu inimigo não são os diretores responsáveis pelas demissões, mas sim os seus concorrentes diretos por uma possível vaga no mercado das indústrias de papel. Não se trata aqui, e é claro o recado, da construção de estratégias coletivas. Estamos no mundo das classes médias e altas, cuja estrutura difere do holismo relacional das classes populares.^{ix} A questão é que os assassinatos não teriam fim, como vemos na última cena do filme. Já em seu novo cargo, ocupando a mesma mesa e cadeira de seu antecessor assassinado, o nosso anti-herói é observado por uma mulher de aspecto deprimido, por volta de 40 anos, talvez alguém que tenha ficado pelo caminho em alguma fusão entre empresas de papel. A mulher o observa exatamente da mesma forma que ele observava o seu antecessor no cargo, em uma cena anterior, no restaurante freqüentado pelos profissionais da fábrica Arcadia.

Os atos de violência perpetrados pelo ator principal do filme soam como uma caricatura. Como um executivo da indústria de papéis pode tornar-se um assassino em série, após dois anos de desemprego, e sair ileso? Por que tantas cenas no filme conspiram para que ele não seja descoberto? Ora, o que o filme vai mostrar é que talvez essa exigência de verossimilhança seja o que menos importa, e que os assassinatos de outros executivos da mesma indústria estão ali no lugar de um outro tipo de violência; e ainda que não importa ao filme se a justiça descobrirá o assassino, porque o seu castigo é justamente continuar no ciclo violento do mercado de trabalho altamente competitivo das indústrias de papel na qual ele trabalha.

Richard Sennett, nas pesquisas que resultaram no livro “A corrosão do caráter”, reuniu-se com executivos da IBM, que haviam sido demitidos da empresa. Esses executivos reuniam-se para falar sobre o que os teria levado à situação de desemprego e fracasso; ao final do debate, os membros do grupo culpam a si mesmos, por terem perdido o trem da história, já que deveriam ter corrido riscos e se tornado empreendedores, assim como a geração que tomou conta do Vale do Silício. A questão é que estes desempregados reúnem-se em busca de uma narrativa coletiva, em torno de uma mesa; as suas agruras os fizeram retomar um coleguismo qualquer perdido dentro da hierarquia da empresa.

Também em “O corte”, alguns momentos de simpatia entre os executivos desempregados ou insatisfeitos da indústria de papel mostram que alguma solidariedade e a percepção de uma questão coletiva poderia sair daí. Em uma delas, o nosso assassino toma um vinho num bar onde está sendo servido por um ex-executivo da indústria, que agora trabalha como garçom, já que também não conseguiu nova posição no mercado de papel, e que será morto por ele

alguns minutos depois; em outro, ele segue um possível concorrente, para descobrir que este trabalha como vendedor de ternos, usando uma peruca para disfarçar a idade; em uma terceira, antes de ligar as saídas de gás da casa do executivo cujo emprego ele deseja, os dois bebem juntos e falam sobre as novas atribuições de um executivo nessa indústria – “não se fala mais sobre papel, diz o executivo a ser também ele morto, mas sobre planilhas, lucro, números”. O consumo excessivo de álcool por parte do executivo que seria assassinado, e o fato de que sua mulher o havia deixado com o argumento de que ele trabalha demais, são fatos que parecem falar de um mundo sem saída.

Nos dois filmes comentados acima, há qualquer coisa de absurdo na forma como os executivos desempregados buscam sobreviver à situação na qual se encontram. Parece-me pouco crível, ainda que os roteiros sejam convincentes, que alguém consiga ocultar uma demissão da forma como ocorre em “A agenda” ou cometer assassinatos em série como em “O Corte”. Acredito que esse tom absurdo das soluções é parte de uma representação que entende o *desemprego executivo* como um fenômeno recente, ainda estrangeiro à visão de mundo das classes médias e altas. De certa forma, trata-se de um “desemprego exótico”, que não fazia parte do universo desses extratos sociais de forma tão generalizada até recentemente, o que explicaria tanto o surto de filmes com essa temática quanto o fato de que as soluções encontradas parecem caricaturais demais para serem tangíveis. Mas talvez daí também decorra o efeito dramático desses filmes. Esse ‘exotismo’ tem um paralelo com a discussão feita por Sayad (1991) sobre a pobreza dos estrangeiros imigrados para a França – argelinos, em especial –, que o autor entende como configurando uma “pobreza exótica”, externa, estranha à história dos países mais opulentos, uma pobreza que não é nacional e por isso não tem *status*. Sayad percebe que a visibilidade da pobreza decorrente de movimentos migratórios depende da natureza do movimento migratório: quando de trabalhadores, ela é pobreza temporária, estrangeira, dos outros; quando de famílias, ela se impõe como uma ‘pobreza em si’, nacionalizando-se, evidenciando-se e fazendo-se permanente.

O caráter exótico das soluções encontradas pelos protagonistas dos dois filmes me transmite um tipo de angústia que relaciono à idéia de *desfiliação*. (cf. Castel, 1998) Os filmes retratam o processo de enfraquecimento dos laços sociais – familiares, de amizade, profissionais – decorrentes do desemprego, da angústia ligada à perda de *status* e da insegurança em relação à possibilidade de reproduzir seu modo de vida de forma segura. Trata-se da história de um drama em movimento, não exatamente de uma situação de exclusão estanque, mas de um processo de desfiliação gradual. (ibidem:26) Essa é a máquina analítica que Castel constrói para analisar a crise da sociedade salarial. Ele argumenta por uma relação direta entre estabilidade no trabalho e inserção relacional sólida; e, ao inverso, argumenta que

a ausência de participação em qualquer atividade produtiva e o isolamento relacional conjugam seus efeitos negativos para produzir a exclusão, ou melhor, como vou tentar demonstrar, a desfiliação. A vulnerabilidade social é uma zona intermediária, instável, que conjuga a precariedade do trabalho e a fragilidade dos suportes de proximidade (ibidem:24)

Para Castel, a precarização do trabalho constitui tema tão ou mais importante do que o desemprego em si. Não se trata, segundo ele, de banalizar o desemprego, mas sim enfatizar a dinâmica de um processo que pode levar ao desemprego, como ele explica: “enfatizar essa precarização do trabalho permite compreender os processos que *alimentam* (grifo do autor) a vulnerabilidade social e produzem, no final do percurso, o desemprego e a desfiliação”. (ibidem: 516) O que parece haver de novo no ar é que essas idéias sejam aplicáveis para muito além da classe operária. Castel antecipa essa questão, quando afirma a possibilidade de “se ocorrer algo como uma crise econômica, o aumento do desemprego, a generalização do subemprego: a zona de vulnerabilidade se dilata, avança sobre a da integração e alimenta a desfiliação”. (ibidem:24) O movimento entre as zonas de integração, instabilidade e exclusão é o que define e alimenta o processo de *desfiliação*. Um problema novo, com o avanço da vulnerabilidade, é a possível “não-empregabilidade também dos qualificados” (ibidem:521), que não tem mais na escolaridade superior uma garantia de segurança e de reprodução do seu modo de vida.

O núcleo da questão social hoje seria, pois, novamente, a existência de ‘inúteis’ para o mundo, de supranumerários e, em torno deles, de uma nebulosa de situações marcadas pela instabilidade e pela incerteza do amanhã que atestam o crescimento de uma vulnerabilidade de massa (ibidem:593).

Entre essa “vulnerabilidade de massa” da qual Castel fala, este trabalho comenta um nicho específico de vulnerabilidade que atinge as classes médias e altas, um fenômeno que caracterizo como ‘estrangeiro’ à visão de mundo desses grupos, e que talvez por isso venha sendo tema de várias produções cinematográficas. O que há de novo nas produções recentes é o fato de abordarem a vulnerabilidade do trabalho pelo ponto de vista das classes superiores, retratando nas telas o “drama social do trabalho” – ou do não trabalho – de uma fatia da população altamente qualificada – o fenômeno que chamo aqui de *desemprego executivo*.

“El Método Gronholm”: as ambigüidades morais da nova moral do trabalho

A primeira ironia a respeito de “El Método Gronholm” (no Brasil, “O que você faria”, dir. Marcelo Pineyro, Espanha, 2005) está no título. No mesmo dia em que

Madri está marcada por manifestações anti-globalização, durante a reunião do FMI e do Banco Mundial na cidade, sete candidatos dirigem-se a uma seleção de emprego, com somente uma vaga em disputa. Eles são recebidos por uma secretária com uma simpatia pouco natural, que os coloca em uma sala, os sete em torno de uma mesa, tendo cada qual uma tela de computador à sua frente. Em breve eles serão informados de que a seleção será feita através de um método, chamado Gronholm, com regras desconhecidas pelos candidatos, porém com as quais eles terão que concordar se quiserem participar da seleção. Um deles é um impostor, um falso candidato, e a primeira tarefa do grupo é decidir, através de uma votação, de qual deles se trata; essa decisão deve ser tomada em consenso. O resultado da prova é que o escolhido não era o farsante; mas, e é isso o que parece importar, ele *parecia* ser um farsante, *aparentava* estar menos à vontade na situação. O filme deixa aqui uma primeira mensagem: se você não aparenta ser um bom candidato, é isso que importa: talvez uma forma escolhida para ironizar a importância que se dá à categoria 'aparência' quando se lista as qualidades requisitadas por candidatos a um emprego, juntamente com 'espírito de equipe', 'vontade de crescer', 'disponibilidade de deslocamento' e outras características tão ou mais ambíguas do que essas.

Desde o início, o método de seleção mostra-se adaptável às características dos candidatos, e as provas parecem ser pensadas para colocar cada um em situação de teste, realçando pontos fracos, ambigüidades morais dos candidatos em relação à empresa ou aos seus concorrentes. Haveria realmente um método? Ou o modelo de avaliação seria um espelho para a adaptabilidade que se espera dos candidatos? O método, acredito, improvisa e se modifica assim como devem improvisar e se modificar os executivos do mundo flexível.

Entre os sete candidatos, dois são mulheres, e este aspecto de gênero não deixará de ser explorado durante a competição. Uma das provas coloca os candidatos na seguinte situação: eles deveriam imaginar que uma guerra atômica os obrigou a buscar refúgio em um abrigo nuclear; a prova consiste em selecionar, por unanimidade, qual deles seria menos necessário nessa situação, sendo que o escolhido seria efetivamente excluído da seleção. Os homens apresentam argumentos que parecem consistentes aos outros candidatos. Entre as duas mulheres, surge uma tensão: uma delas, na faixa dos 30 anos, propõe um argumento difícil de refutar, em uma situação na qual a humanidade vê-se ameaçada – ela seria a mãe dos filhos de todos os homens no abrigo. A outra mulher, com idade acima dos 40 anos, em situação frágil a partir daí, argumenta que poderia cozinhar; fica claro que ela já não teria muitos anos de vida fértil. Frente à necessidade de buscar argumentos imbatíveis, as duas mulheres apelam para a biologia e para o lugar social classicamente atribuído às mulheres – o de alimentar. A mulher mais velha será eliminada nesta prova. Logo depois, uma ironia: a seleção tem uma pausa para a alimentação dos candidatos, e é servida uma comida estragada, com péssimo sabor; todos percebem a má qualidade da comida, mas não explicitam claramente o desagrado por medo das

possíveis conseqüências para o teste. Os candidatos sentem na pele a falta de boa comida; mas acredito que fosse qual fosse o candidato excluído nesta prova, o momento seguinte seria produzido para que os candidatos sentissem a falta da sua manifesta qualidade.

Existe uma óbvia relação entre o que está acontecendo lá fora (a violenta manifestação anti-globalização), mundo em relação ao qual o grupo de contendores está isolado, e a violência simbólica à qual são submetidos os candidatos; o vidro que isola o som, mas que permite que os candidatos vejam a manifestação, espelha a luta pela sobrevivência no mundo do trabalho em seus diferentes níveis. Quando se constrói uma relação com a manifestação anti-globalização, é simplesmente para demonstrar a ambigüidade das regras e daquilo que se espera de um empregado. Um candidato segreda ao outro já ter participado de movimentos sindicais no passado, mas ter suprimido isso do seu currículo. A suposta secretária da empresa ouve parte da discussão dos dois e pressiona o candidato que ouviu a história, perguntando se ele sabe de alguma coisa sobre o seu concorrente que a empresa deveria saber. Temos um teste de fidelidade: se for fiel ao colega, ele estará ocultando da empresa algo que 'ela' deveria saber; se for fiel à empresa, deveria entregar a informação de que seu opositor tinha um passado como sindicalista. O ex-sindicalista é denunciado, e o delator, eliminado da seleção. Mas teria ele permanecido na seleção se tivesse escolhido ocultar da empresa a informação? Não haveria lugar para um candidato com passado de manifestante; mas tampouco para aquele que o entrega à empresa. Não há saída: exclusão por ocultar algo que a empresa deveria saber, traindo a empresa, ou exclusão por ter denunciado um concorrente pela vaga, o que jogaria contra os valores de uma equipe de trabalho.

Outro ponto interessante: o aspecto de faixa etária, que atinge tanto homens como mulheres. Ao final da contenda, os dois sobreviventes serão um homem e uma mulher jovens e os mais bonitos do grupo. Os dois homens mais experientes serão excluídos em etapas anteriores: o primeiro porque teria 'traído' uma empresa na qual trabalhara, ao denunciar que a empresa pretendia jogar dejetos em um rio, o que seria catastrófico para o meio ambiente e para a empresa ela mesma. Ele argumenta que tentou de todas as formas evitar a denúncia pública e que só teria exposto a situação para o bem da empresa. Essa informação é fornecida aos outros candidatos, que são questionados se esse executivo mereceria confiança. O grupo decide, por maioria, que, se fossem eles os responsáveis pela seleção, este candidato seria excluído, e ele sai da contenda. O segundo homem de idade mais avançada, na faixa dos 50 anos, é excluído após uma prova que consistia em uma dinâmica de grupo, durante a qual ele demonstrou inépcia com o inglês e o francês, e descontrola por esses idiomas serem usados pelos outros para que ele não entendesse os diálogos. Segundo o responsável pela condução da atividade, ele teria demonstrado incapacidade de lidar com situações desfavoráveis – na verdade, domínio de idiomas sequer teria sido o critério. Esta prova teria sido “para ele”,

diz o responsável; essa fala parece desvelar a farsa do filme: não são psicólogos o homem e a mulher responsáveis pela seleção, mas atores. Atores que se fazem passar por secretária da empresa e um dos contendores; atores que se fazem passar por psicólogos posteriormente. Mas isso pouco importa. Afinal, poderiam ser sim psicólogos que se fazem passar por atores para medir a reação dos últimos candidatos. A 'regra do método' é que as regras serão adaptadas ao CV de cada concorrente, expondo-os a situações nas quais as suas possíveis fraquezas são exploradas. Alguns pontos me levaram a crer que o método, temido pelos candidatos como uma técnica refinada, pré-concebida, caracteriza-se justamente pela falta de método; ou, em outras palavras, caracteriza-se pelas mesmas qualidades que se requisita dos executivos: flexibilidade, capacidade de adaptação, habilidade em lidar com situações inusitadas.

Ao final da seleção, sobram dois candidatos, um homem e uma mulher jovens e bonitos que já se conheciam e tiveram um caso no passado. Eles são separados pelos agora atores (antes secretária da empresa e um dos concorrentes à vaga), agora já apresentados como responsáveis pela seleção. A última prova consiste em conseguir fazer o outro desistir da vaga e abandonar o prédio. O homem vai vencer a prova, convencendo a mulher a deixar aquilo tudo, com o argumento de que sairiam juntos; é parte do argumento uma possível retomada do romance deles. Ela sai do prédio e caminha pela rua, onde se vê o saldo da manifestação anti-globalização. Aliás, a sua presença naquela paisagem é parte deste saldo, se entendermos a manifestação lá fora e a seleção de emprego cá dentro como faces de uma mesma questão: a precariedade do trabalho e das relações em torno dele no tempo contemporâneo.

Conclusão

Para Boltanski e Chiapello, em cada novo espírito do capitalismo, seria necessário mobilizar os indivíduos a se engajarem no aparato de acumulação. Haveria uma especificidade no modelo atual: ainda que, a partir dele, se possa defender o princípio da acumulação, ele não teria suficiente poder mobilizador. Pela primeira vez, o sistema de justificação necessário para a manutenção dos indivíduos participando do modelo de acumulação não mais consegue gerar um efeito positivo.

Se concordarmos com os autores, faz sentido o olhar pessimista com o qual os filmes aqui analisados são concluídos. Mesmo quando temos um *happy end*, ele não me parece convincente, caso do filme “A Agenda”. Além das justificações em termos de ‘bem comum’, necessária para responder às críticas ao sistema e se explicar frente aos outros, os funcionários dos quadros das empresas também teriam necessidade de motivos pessoais para se engajar. É em direção aos quadros que o capitalismo deve completar o seu aparelho justificativo. Isso porque a sua adesão é particularmente indispensável ao funcionamento das empresas e à formação do lucro, entre os quais o alto nível de engajamento no processo de acumulação capitalista requerido não pode ser obtido pelo puro constrangimento, menos submetidos que estão às necessidades, caso dos operários. (Boltanski e Chiapello, op. cit.:51)

O capitalismo deverá apresentar aos membros dos quadros atividades que aos seus olhos pareçam excitantes, que portem a possibilidade de *autorealização* e espaço de *liberdade para a ação*. (ibidem:53) Mas essa expectativa de *autonomia* traz a cavalo uma outra demanda, com a qual mantém uma relação tensa, uma demanda por *segurança*:

O capitalismo deverá com efeito poder também inspirar nos quadros a confiança na possibilidade de que se beneficiem do bem-estar prometido no longo prazo, para eles mesmos, (...) e de assegurar às suas crianças o acesso a posições que as permitam manter os mesmos privilégios. (ibidem: 53)

Lembremos que se manter em movimento é tarefa necessária para a sobrevivência do capital no sistema capitalista, como lembram Boltanski e Chiapello. Neste mundo, velocidade, movimento e aceleração são valores, *commodities*, para usar um vocabulário do mercado; também é tarefa requerida do material humano engajado na lógica do terceiro espírito do capitalismo: “estar em movimento (...) torna-se uma necessidade. Manter-se em alta velocidade, antes uma aventura estimulante, vira uma tarefa cansativa” (Bauman, 2004:13). Mas, a manutenção desse engajamento cobra um preço: a lógica do espírito do capitalismo oferece em troca do engajamento em um sistema de acumulação a segurança de que um determinado modo de vida pode ser mantido. E aqui temos um ponto de estrangulamento na lógica moderna do trabalho entre os extratos médios e altos.

a ansiedade que oprime as classes médias americanas exprime bem mais que uma simples generalização da insegurança socioeconômica. Ela é a tradução, na ordem da psicologia individual e coletiva, de uma *crise estrutural do modo de reprodução social* que toca com força particular os ocupantes de zonas intermediária do espaço social et qui, por aller vite, tient à trois développements majeurs. (Wacquant, 1996:77)

Os filmes aqui analisados são parte do terceiro espírito do capitalismo, ocupando o espaço de corpus crítico à ideologia do momento. O problema está longe de ser somente na América do Norte, estando presente também na França e Espanha, países de origem dos filmes analisados. Eles contam a história dessa “crise estrutural do modo de reprodução social”, da qual fala Wacquant; a estrutura dos filmes, sem final feliz, confirmam a idéia de Boltanski e Chiapello de que o momento atual do espírito do capitalismo falha no suprimento de justificações coerentes, que dêem conta da manutenção do engajamento dos quadros.

Pego de empréstimo uma tira que Wacquant (ibidem:67) utiliza em seu artigo para explicitar essa falha no provimento de justificações: patrão e empregado estão em lados opostos de uma mesa e o diálogo corre da seguinte forma:

Patrão: estamos despedindo você

Empregado: oh?

P: Com o objetivo de fazer nossas operações mais eficientes.

E: oh?

P: para que sejamos mais competitivos globalmente

E: oh?

P: para que criemos mais empregos.

E: oh

A inquietude do capitalismo, que leva o sistema a movimentos, por vezes bruscos, para manter-se em estado de acumulação, nem sempre dá a partes da população tempo para que haja adaptação. (Polanyi, 1980) Inquietude e desemprego fazem parte em especial da história das classes trabalhadoras mais próximas às zonas de vulnerabilidade (cf. Castel). Uma novidade contemporânea, que aparece representada nos filmes que analisei aqui, é a expansão da zona de vulnerabilidade às classes executivas, aos quadros superiores das empresas. Os filmes encaixam-se no papel de crítica cultural ao capitalismo, de crítica à forma como as ondas de mudanças no processo organizacional tende a deixar atrás de si um saldo de “supranumerários”, vítimas de avanços das “zonas de vulnerabilidade”. (Castel, 1998)

A pergunta que não pode ser respondida aqui é: como o sistema capitalista pode absorver as críticas que esses filmes encarnam aos valores da flexibilidade, da liberdade, da autonomia, valores estes que sustentam o discurso do sistema hoje? Se olharmos para outras crises do capitalismo, e para a sua capacidade de re-invenção e absorção da crítica, não se duvida que adaptações nos argumentos que levam os quadros a engajar-se no sistema de acumulação levem a novos espíritos do capitalismo.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. *Le Nouvel Esprit du Capitalisme*. Paris: Gallimard, 1999. (Introduction générale: de l'esprit du capitalisme et du rôle de la critique. p. 33-90).

BOUDIEU, P. A dupla verdade do trabalho. In BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalianas*. Rio: Record, 2001.

CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. (Introdução, cap. VIII e conclusão).

HUGHES, E.. Le drame social du travail. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 115, dec. 1996, pp 94-99.

PIALOUX, M.; BEAUD, S. Permanentes e temporários. In BOURDIEU, Pierre. (org.) *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 309-320.

POLANYI, K. *A Grande Transformação; as origens de nossa época*. Rio: Editora Campus, 1980. (caps. 4, 5, 6).

SAYAD, A. Uma pobreza 'exótica': a imigração argelina na França. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.17, out.1991, pp.84-107.

WACQUANT, L. La généralisation de l'insécurité salariale en Amérique: restructurations d'entreprises et crise de reproduction social. *Actes de la recherche en sciences sociale*, n. 115, dezembro de 1996.

Videografia:

*A agenda – L'emploi du temps – Dir. Laurent Cantet, França, 2001

*O corte – Le couperet – Dir. Costa Gavras, França, 2006

El Método Gronholm – Dir. Marcelo Pineyro, Espanha, 2005

*Los lunes al sol – Dir. Fernando León de Aranda, Espanha – Itália, 2002

- já disponível em DVD até julho de 2007

ⁱ Para Boltanski e Chiapello, o capitalismo é definido como um sistema que visa a acumulação ilimitada por meios pacíficos (1999:37); esse caráter ilimitado do sistema faz com que o capital seja algo circulante, nunca estático, que deve estar em constante transformação (equipamentos transformados em produção, produção em moeda, moeda em novos investimentos). Insaciável e sempre em giro, o capital que deve estar em constante circulação está sempre ameaçado em sua potência de gerar lucro pelo movimento dos outros

capitalistas que disputam o poder de compra dos consumidores. Daí a conclusão de que o capitalismo tem uma natureza inquieta e de risco.

ⁱⁱ O salto histórico é grande, mas não tenho aqui a pretensão de desenhar todas as conexões possíveis entre diferentes formatos de acumulação no capitalismo e os filmes que os retratam, positiva ou negativamente.

ⁱⁱⁱ Estou tentando traduzir aqui o grupo que em francês se chama *les cadres*.

^{iv} Os autores identificam três momentos diferentes do espírito do capitalismo: o primeiro é ao final do século XIX, com o grande cavaleiro da indústria, o empreendedor, está associado à figura do burguês, é essencialmente familiar e o destino da empresa está ligado intimamente ao destino da família. A segunda caracterização do espírito do capitalismo tem seu pleno desenvolvimento nos anos 30-60 do século XX, cuja marca é menos sobre o indivíduo que sobre a organização. Aqui haveria um fascínio pela grande empresa industrial centralizada e burocratizada, pelo gigantismo, pela figura heróica do diretor cujo objetivo não é aumentar a sua riqueza pessoal, mas expandir o tamanho da indústria, momento da economia de escala, da estandardização dos produtos, da organização racional do trabalho. Está ligado à figura do diretor e a dos quadros da empresa, a um capitalismo de grandes empresas, burocratizada. (ibidem:55-6)

^v A inspiração aqui é o texto de Hughes (1996), “O drama social do trabalho”, no qual ele analisa o trabalho como uma prática efetuada em um meio ambiente social no qual pessoas interagem a partir de diferentes papéis; nessa interação, Hughes vê tensão entre diferentes formas de encarar o trabalho: o que para alguns é urgência, para outros é rotina, por exemplo, ou a tensão gerada pelo fato de que espera-se muitas vezes de um profissional ao mesmo tempo objetividade e competência, por um lado, atenção especial e implicação subjetiva, por outro. O caso dos profissionais de saúde é apresentado como paradigmático nesse sentido.

^{vi} Não deve ser casual a nacionalidade dos dois filmes. O *chômage* é um tema importante na França e o país produziu também um corpo de pesquisadores sólido nessa área, vide a bibliografia da disciplina que cursamos.

^{vii} A escolha de Costa Gavras pode ter sido casual; mas a expressão “capitalismo de papel” designa a lógica financeira corrente, na qual ganha-se mais em processos especulativos com ações (papel é um sinônimo para ações) do que no processo produtivo ele mesmo.

^{viii} Seria mera casualidade o nome da empresa onde estava o emprego dos sonhos do protagonista?

Lembremos que ‘Arcadia’, província da antiga Grécia, tornou-se sinônimo de um paraíso idílico, terra de paz, felicidade e comunhão com a natureza.

^{ix} Tampouco entre as classes populares é possível sempre construir uma linha de frente entre os operários, que representem os interesses comuns de todos, sem dissensões. Ainda no mundo das representações cinematográficas recentes, ver o filme “Lunes al sol”, que mostra o cotidiano de um grupo de ex-colegas em uma empresa naval na Galícia, empresa que deixa um saldo de desemprego após mudar de região. Existe uma tensão no grupo, por alguns terem assinado um acordo com a empresa que deu a eles uma sobrevida de alguns meses, enfraquecendo o movimento grevista, enquanto outros foram demitidos. Meses depois, todos perderiam o emprego com a mudança. Mas, ainda com essas tensões, o que o filme retrata é um sistema solidário entre eles. Trata-se de uma problemática paralela àquela analisada por Pialoux e Beaud (1997), sobre a tensão entre operários permanentes (o que eles chamam de “geração de fábrica”, admitidos antes da crise da empresa, mais politizados e coesos politicamente) e temporários (geração ainda à busca de um emprego estável) durante uma greve em 1989 na fábrica de Peugeot na cidade de Sochaux.

A NOVA MORAL DO TRABALHO NO NOVO ESPÍRITO DO CAPITALISMO: CENAS DO 'DESEMPREGO EXECUTIVO' NO CINEMA CONTEMPORÂNEO

Rogério Lopes Azize

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Museu Nacional
Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil

rogerioazize@hotmail.com

Palavras-chave: trabalho; camadas médias; desemprego; cinema

Resumo/Abstract:

O cinema, desde seus primórdios, tomou o trabalho como tema de reflexão, com produções hoje clássicas como *Tempos Modernos*, (Modern Times, Dir. Charles Chaplin, EUA, 1936), *A nós, a liberdade* (À nous la liberté, Dir. René Clair, França, 1931) e mesmo *Metrópolis* (Metropolis, Dir. Fritz Lang, Alemanha, 1927), além de uma infinidade de documentários e outras películas de ficção.

Nos anos recentes, uma safra de produções cinematográficas parecem estar denunciando os constrangimentos impostos aos trabalhadores, mas com um enfoque peculiar: a ansiedade das classes executivas, cuja segurança e possibilidade de reprodução vê-se abalada no contexto de um capitalismo flexível e globalizado, que ampliou a insegurança no emprego para os extratos médios e altos da população. Utilizando o vocabulário de Boltanski e Chiapello, podemos dizer que estes filmes fazem parte de um corpo crítico ao **terceiro espírito do capitalismo**.

A noção de **espírito do capitalismo**, para estes autores, consiste nas crenças que justificam a ordem capitalista e legitimam os modos de ação coerentes com tal ordem. Mas essa noção inclui também as críticas ao sistema em determinado período; a capacidade de absorção de críticas aos seus modelos de acumulação confere 'robustez' e capacidade de re-invenção ao sistema. Estamos, para eles, em pleno **terceiro espírito do capitalismo**, momento "isomorfo ao capitalismo mundializado", e as críticas ao modelo cujas palavras-chave são reengenharia, reestruturação produtiva, fusões, acumulação flexível, globalização, terceirização e trabalho informal estão atualmente em cena.

A proposta aqui é colocar essa nova safra de filmes com temática comum a conversar com a bibliografia de ciências sociais a respeito do tema trabalho, refletindo mais especificamente a respeito desse fenômeno ao qual chamo *desemprego executivo*.